

A NOSTALGIA DO PRESENTE COMO AS ARQUITETURAS ALGORÍTMICAS DO STREAMING MUSICAL RECONFIGURAM A EXPERIÊNCIA TEMPORAL

THE NOSTALGIA OF THE PRESENT HOW ALGORITHMIC ARCHITECTURES OF MUSIC STREAMING RECONFIGURE TEMPORAL EXPERIENCE

LA NOSTALGIA DEL PRESENTE CÓMO LAS ARQUITETURAS ALGORÍTMICAS DEL STREAMING MUSICAL RECONFIGURAN LA EXPERIENCIA TEMPORAL

João Luiz Alexandre dos Santos¹
Tiago Negrão de Andrade²
Maria Cristina Gobbi³

Resumo

Este artigo investiga a reconfiguração da experiência temporal nas arquiteturas algorítmicas do *streaming musical*. Com base no conceito de *presentismo* de Hartog, analisa como recursos como *Time Capsule*, *Wrapped* e *Discover Weekly*, do Spotify, operacionalizam *nostalgia* e *memória*. A partir de abordagem qualitativa e crítica, fundamentada na teoria da plataforma, na duração de Bergson e na hermenêutica de Ricoeur, os resultados indicam que o *presentismo* se torna infraestrutura computacional: a *nostalgia* vira produto, a *memória* é metrificada e a descoberta cede à previsibilidade. Conclui-se que a "*nostalgia* do presente" atua como poder temporal, subordinando a historicidade à lógica do *engagement*.

Palavras-chave

Streaming musical; Presentismo; Nostalgia; Memória; Capitalismo de plataforma.

Abstract

This article investigates the reconfiguration of temporal experience within the algorithmic architectures of music streaming. Based on François Hartog's concept of *presentism*, it analyzes how features such as *Time Capsule*, *Wrapped*, and *Discover Weekly* on Spotify operationalize *nostalgia* and *memory*. Adopting a qualitative and critical approach, grounded in platformization theory, Bergson's notion of duration, and Ricoeur's hermeneutics of *memory*, the findings indicate that *presentism* becomes a computational infrastructure: nostalgia turns into a product, memory is metricized, and discovery gives way to predictability. It concludes that the "*nostalgia of the present*" operates as a form of temporal power, subordinating historicity to the logic of engagement.

Keywords

Music streaming; Presentism; Nostalgia; Memory; Platform capitalism

1 Graduado em Eventos pela Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo (FATEC). E-mail: capotrastescala@gmail.com

2 Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Mídia e Tecnologia da FAAC – Universidade Estadual Paulista (Unesp). Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Relações Públicas, pela Universidade de Sorocaba (Uniso). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5352-9798> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6885654276116955> E-mail: tiago.negrao@unesp.br

3 Pesquisadora Livre-Docente em História da Comunicação e da Cultura Midiática pela UNESP pela Unesp. Chefe no Departamento de Jornalismo e professora dos cursos de Graduação e de Pós-Graduação da mesma instituição. Bolsista de Produtividade do CNPq e Bolsista Fapesp (Processo 22/08397-6). Diretora Administrativa da ALAIC. Integra o INCT Caleidoscópio. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5629-5010> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2302756561160804> E-mail: cristina.gobbi@unesp.br

Resumen

Este artículo investiga la *reconfiguración* de la experiencia temporal en las arquitecturas algorítmicas del *streaming musical*. A partir del concepto de *presentismo* de François Hartog, analiza cómo funciones como *Time Capsule*, *Wrapped* y *Discover Weekly* de Spotify operacionalizan la nostalgia y la memoria. Desde un enfoque cualitativo y crítico, basado en la teoría de la plataformización, la duración de Bergson y la hermenéutica de la memoria de Ricoeur, los resultados indican que el presentismo se convierte en infraestructura computacional: la nostalgia se transforma en producto, la memoria es metrizada y el descubrimiento da paso a la previsibilidad. Se concluye que la "nostalgia del presente" opera como una forma de poder temporal, subordinando la historicidad a la lógica del compromiso (*engagement*).

Palabras clave:

Streaming musical; Presentismo; Nostalgia; Memoria; Capitalismo de plataforma.

Introdução

A reorganização da experiência temporal pelas plataformas digitais constitui um fenômeno central da cultura algorítmica. Se Hartog (2015) identifica o *presentismo* como regime de historicidade marcado pela expansão do presente e retração do futuro como horizonte de expectativa, este artigo investiga como determinadas funcionalidades do *streaming musical* podem operacionalizar tecnicamente essa dinâmica. Em plataformas como Spotify e Apple Music, *memória*, *nostalgia* e descoberta são mediadas por sistemas de recomendação e métricas de *engajamento*, produzindo novas condições para a experiência temporal.

O estudo focaliza a reconfiguração temporal no *streaming musical*, especialmente a operacionalização da memória e da nostalgia por dispositivos como *Time Capsule*, *Wrapped* e *Discover Weekly*. Parte-se da hipótese de que essas arquiteturas não apenas mediam o acesso ao passado, mas influenciam formas de experienciar memória, nostalgia e descoberta. Ao aproximar passado e presente, podem transformar a nostalgia em produto recorrente e tensionar a memória como reconstrução interpretativa. Em Ricoeur (2000), a memória pressupõe distância hermenêutica; a acessibilidade permanente do arquivo algorítmico tensiona essa condição ao introduzir a relevância calculada como princípio de organização da experiência.

O debate articula quatro perspectivas complementares. Hartog (2015) fornece o enquadramento dos regimes de historicidade; Ricoeur (2000), a compreensão da memória como reconstrução interpretativa; Bergson (1907/2013), a distinção entre duração vivida e tempo mensurável; e os estudos sobre plataformização e capitalismo de plataforma (Adorno, 2020; Srnicek, 2017; Zuboff, 2019), a análise das infraestruturas orientadas por recomendação, personalização e engajamento. Esses referenciais não constituem uma teoria unificada, mas perspectivas analíticas para diferentes dimensões do fenômeno. Estudos empíricos indicam que sistemas de recomendação podem reduzir a diversidade efetiva da escuta e reforçar padrões prévios de consumo (Anderson *et al.*, 2020), enquanto pesquisas recentes apontam percepções críticas sobre a padronização algorítmica (Birkenkamp; Skop, 2025). Persistem, contudo, lacunas na articulação entre temporalidade, arquitetura computacional e subjetivação.

O *corpus* concentra-se nas funcionalidades *Time Capsule* (Spotify, 2017), *Wrapped* (Spotify, 2024; 2025) e nos mecanismos de recomendação analisados por

Anderson *et al.* (2020), complementados por estudos sobre variações geracionais no uso da música (Siltainsuu; Peltola, 2024). Esses casos foram selecionados por sua centralidade na experiência musical digital e por condensarem diferentes dimensões temporais: reativação do passado, encapsulamento anual e projeção probabilística do futuro.

Embora tecnologias anteriores, como MP3, downloads e redes P2P, já ampliassem o acesso musical, o *streaming* reorganiza essa disponibilidade em um ambiente centralizado, permanentemente conectado e estruturado por recomendação. Seu diferencial não é apenas o acesso ampliado, mas sua articulação contínua com personalização e *engajamento*.

Essa transformação envolve desafios éticos e políticos relacionados à monetização da atenção, à produção de subjetividades antecipatórias e à redução da distância crítica entre passado e presente. Quando históricos de escuta se tornam bases de modelagem comportamental, autonomia, *memória* e pluralidade temporal entram em tensão (Zuboff, 2019). A governança permanece predominantemente corporativa, com lacunas quanto ao direito ao esquecimento algorítmico e à transparência dos sistemas de recomendação.

Diante disso, o objetivo geral é analisar como arquiteturas algorítmicas do *streaming musical* operacionalizam o *presentismo*, convertendo *nostalgia* e *memória* em funções de *engajamento*. As perguntas são: como dispositivos de recomendação reorganizam a experiência temporal? Como a acessibilidade permanente do arquivo altera a estrutura fenomenológica da *memória*? Em que medida a promessa de descoberta encobre mecanismos de repetição probabilística?

Os objetivos específicos são: (a) identificar dispositivos de operacionalização da *memória* e da *nostalgia*; (b) discutir seus efeitos à luz da literatura sobre temporalidade e plataformação; e (c) refletir sobre implicações normativas relacionadas à justiça temporal. Parte-se da hipótese de que o *streaming musical* intensifica determinadas características do *presentismo* ao incorporá-las em arquiteturas de recomendação e de personalização.

Por fim, o artigo discute exploratoriamente a noção de justiça temporal, entendida não como teoria consolidada, mas como categoria analítica para refletir sobre as condições contemporâneas de memória, esquecimento e descoberta em ambientes digitais. Assim, os referenciais mobilizados permanecem distintos, mas complementares, permitindo analisar como infraestruturas algorítmicas reorganizam relações entre passado, presente, futuro e experiência musical.

Metodologia

Este estudo adota uma abordagem qualitativa, exploratória e interpretativa, combinando revisão sistemática da literatura com análise temática e interpretação teórico-conceitual. O objetivo não é mensurar efeitos do *streaming* musical sobre os usuários, mas identificar e interpretar como a literatura especializada descreve as

relações entre plataformas de *streaming*, memória, nostalgia, recomendação algorítmica e regimes contemporâneos de temporalidade.

3.1 Construção do *corpus*

A constituição do *corpus* bibliográfico seguiu as diretrizes do protocolo *PRISMA* (*Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses*), amplamente utilizado para garantir transparência, rastreabilidade e rigor em revisões sistemáticas. As buscas foram realizadas nas bases Scopus, Web of Science e Google Scholar, utilizando combinações de descritores relacionados a *streaming musical*, algoritmos de recomendação, *memória*, *nostalgia*, temporalidade, *presentismo* e plataformização.

Foram estabelecidos critérios de inclusão e de exclusão previamente definidos, contemplando artigos revisados por pares, livros e capítulos reconhecidos na área, publicados em português, inglês e espanhol, que abordassem diretamente as transformações temporais associadas às plataformas digitais de música. Após a remoção de duplicidades e a aplicação dos critérios de elegibilidade, constituiu-se o *corpus* final analisado neste estudo.

O protocolo *PRISMA* foi empregado exclusivamente para organizar a seleção e a documentação do material bibliográfico, assegurando transparência no processo de construção do *corpus*

3.2 Estratégia analítica

A análise do material selecionado foi conduzida por meio da Análise Temática Reflexiva proposta por Braun e Clarke (2006). Essa abordagem permitiu identificar padrões recorrentes, categorias interpretativas e núcleos temáticos presentes na literatura revisada.

O processo analítico ocorreu em seis etapas: (1) familiarização com o *corpus*; (2) geração de códigos iniciais; (3) agrupamento dos códigos em temas; (4) revisão dos temas; (5) definição e nomeação das categorias analíticas; e (6) produção da síntese interpretativa.

A partir desse procedimento, foram identificados quatro eixos centrais de análise: (a) a reorganização algorítmica da memória; (b) a *nostalgia* como dispositivo de *engajamento*; (c) a reconfiguração das práticas de descoberta musical; e (d) as implicações normativas associadas à justiça temporal.

Dessa forma, os resultados apresentados não derivam diretamente dos referenciais filosóficos mobilizados, mas do processo sistemático de categorização e de interpretação do *corpus* selecionado.

3.3 Referenciais de interpretação

Os referenciais teóricos empregados neste estudo possuem função interpretativa. A noção de *presentismo* formulada por François Hartog oferece o enquadramento para compreender as transformações dos regimes contemporâneos de historicidade. A

hermenêutica da *memória* de Paul Ricoeur contribui para analisar a *memória* como processo interpretativo e narrativo, enquanto Henri Bergson fornece elementos para discutir as relações entre duração, percepção e atualização do passado.

Os estudos de plataformização e *capitalismo de plataforma* permitem examinar como essas questões são operacionalizadas em infraestruturas digitais, sistemas de recomendação e arquiteturas de dados. Tais referenciais não são tratados como componentes de uma teoria única e integrada, mas como perspectivas complementares mobilizadas para interpretar diferentes dimensões do fenômeno investigado.

A articulação entre revisão sistemática, análise temática e interpretação teórica buscou assegurar coerência metodológica entre a construção do *corpus*, os procedimentos analíticos e as conclusões apresentadas.

Resultados e Discussão

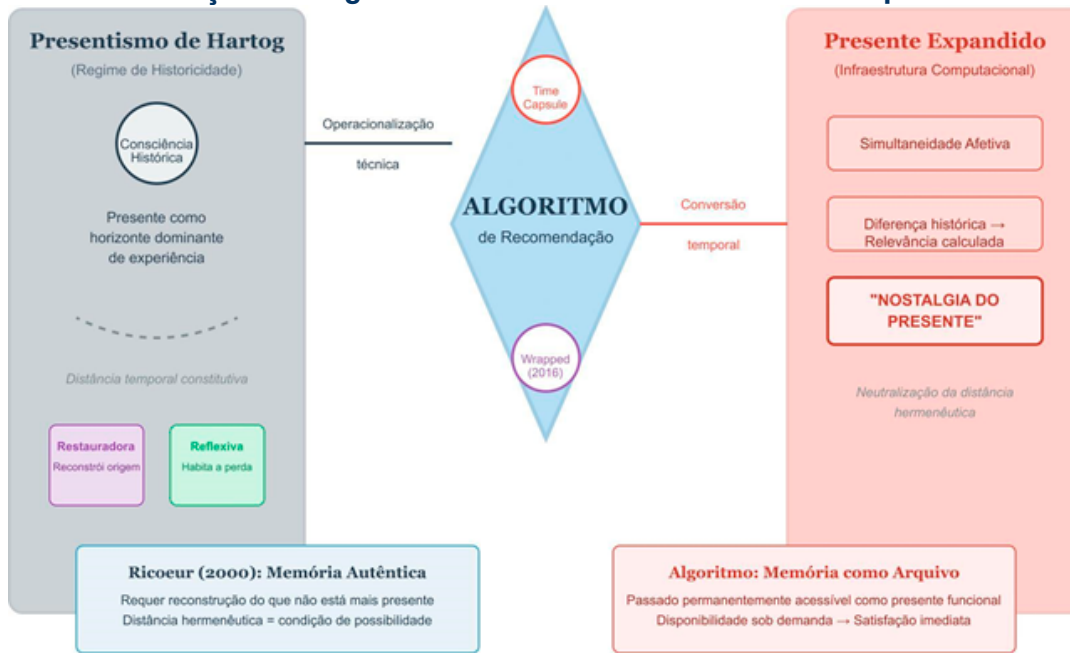
A análise temática do *corpus* identificou quatro núcleos interpretativos recorrentes: (1) a operacionalização algorítmica do presentismo; (2) a reorganização técnica da memória por sistemas de recomendação; (3) as relações entre economia da atenção, subjetivação e experiência temporal; e (4) as implicações normativas desses processos, sintetizadas na noção exploratória de justiça temporal. As subseções articulam esses eixos aos referenciais teóricos apresentados, devendo os argumentos ser compreendidos como interpretações derivadas do *corpus*, e não como demonstrações empíricas de validade universal.

Presentismo e Temporalidade nas Plataformas de Streaming

A literatura revisada indica que o conceito de presentismo de Hartog (2015) constitui um referencial útil para interpretar transformações temporais nas plataformas de *streaming* musical. Embora Hartog o caracterize como um regime de historicidade marcado pela predominância do presente, os estudos sugerem que determinadas arquiteturas algorítmicas incorporam algumas dessas características aos sistemas de recomendação.

O artigo não sustenta que o *streaming* inaugure uma nova temporalidade, mas o interpreta como contexto em que dinâmicas presentistas são mediadas por infraestruturas computacionais voltadas à personalização, ao engajamento e à organização do acesso ao repertório musical. A Figura 1 sintetiza essa passagem interpretativa entre o *presentismo* como diagnóstico cultural e sua operacionalização em arquiteturas digitais de recomendação.

Figura 1 - Do Presentismo Histórico ao Presente Algoritmicamente Expandido: Transformação do diagnóstico cultural em infraestrutura computacional



Consequência: Onde não há perda, não há desejo. O futuro é neutralizado.

Fonte: os autores, baseado em Hartog (2015), Boym (2001), Ricoeur (2000), Bergson (1907/2013), Srnicek (2017), Zuboff (2019), Anderson et al. (2020), Spotify (2017, 2024).

A Figura 1 apresenta uma representação conceitual construída a partir da literatura revisada, sintetizando a interpretação proposta sobre as relações entre presentismo e arquiteturas algorítmicas. Não representa uma sequência causal empiricamente demonstrada, mas organiza os principais argumentos do *corpus*. Os estudos sugerem que sistemas de recomendação podem aproximar passado e presente ao ampliar o acesso ao arquivo musical e reorganizar a memória segundo critérios de relevância algorítmica. Assim, determinadas dimensões da historicidade passam a ser mediadas por lógicas de personalização e engajamento, sem que seus efeitos sejam uniformes.

A distinção de Boym (2001) entre nostalgia restauradora e reflexiva constitui referência central. Enquanto a primeira busca restaurar simbolicamente uma origem idealizada, a segunda reconhece a irreversibilidade do tempo e a memória como elaboração da perda. A literatura sugere que funcionalidades do *streaming* tensionam essa distinção ao tornar conteúdos associados à rememoração permanentemente acessíveis. As plataformas não eliminam a nostalgia, mas reorganizam suas condições de experiência ao aproximar passado e presente por meio de recomendação e acesso contínuo.

O lançamento da *Time Capsule*, em 2017, exemplifica esse processo. Ao reunir "as faixas mais nostálgicas da sua adolescência e início dos vinte anos" (Spotify, 2017), a plataforma utiliza referências autobiográficas para construir uma experiência personalizada de rememoração. A literatura permite interpretar o recurso como atualização recorrente do passado em ambiente digital, mediada por mecanismos

que disponibilizam continuamente repertórios associados à memória autobiográfica e reduzem parte da distância temporal dessa evocação.

A partir dessas evidências, propõe-se a “nostalgia do presente” como categoria interpretativa para descrever contextos em que memória e nostalgia são continuamente reativadas por sistemas de recomendação. Diferentemente de uma nostalgia fundada exclusivamente na ausência, a disponibilidade permanente dos arquivos favorece atualizações recorrentes do passado. Em diálogo com Ricoeur (2000), essa disponibilidade tensiona a distância hermenêutica tradicional da rememoração, embora seus efeitos dependam dos contextos de uso, repertórios culturais e trajetórias dos usuários.

Nesse contexto, a curadoria algorítmica ultrapassa a função de filtragem e participa da organização da experiência temporal ao definir critérios de relevância que influenciam quais repertórios permanecem visíveis ou retornam às recomendações. Anderson *et al.* (2020) observaram que sistemas desse tipo podem reduzir a diversidade efetiva da escuta ao favorecer recorrências compatíveis com padrões prévios. Isso não elimina a diferença histórica, mas indica uma tendência à continuidade probabilística em detrimento de experiências menos previsíveis.

A *Discover Weekly* exemplifica essa arquitetura. Embora orientada à descoberta, sua lógica utiliza padrões identificados no histórico de escuta, fazendo com que a novidade ocorra dentro de limites probabilísticos definidos por comportamentos anteriores. A descoberta, portanto, não desaparece, mas é organizada pela combinação entre exploração e previsibilidade.

Srnicek (2017) e Zuboff (2019) permitem situar essas dinâmicas no capitalismo de plataforma e na extração de dados comportamentais. O *Wrapped* exemplifica como históricos de escuta são convertidos em narrativas anuais a partir de métricas selecionadas pela plataforma. Em vez de reproduzir a complexidade do passado vivido, oferece uma representação sintetizada da experiência musical segundo critérios computacionais de relevância, produzindo novas formas de mediação da memória.

Essa dinâmica relaciona-se aos modelos de otimização da economia de plataforma, nos quais atenção e engajamento ocupam posição central. A literatura sugere que métricas de retenção podem favorecer continuidade em detrimento de ruptura, estranhamento ou descontinuidade, embora os efeitos variem conforme as práticas e os contextos de uso.

Em conjunto, os estudos permitem interpretar que determinadas características do presentismo descrito por Hartog (2015) encontram expressão nas arquiteturas algorítmicas do *streaming*. Isso não significa que as plataformas inaugurem um novo regime de historicidade, mas que recomendação, personalização e arquivamento podem produzir formas específicas de mediação temporal. Memória, nostalgia e antecipação do consumo passam a ser organizadas por sistemas que utilizam dados comportamentais para orientar recomendações futuras, articulando passado, presente e expectativa.

A “nostalgia do presente”, portanto, constitui uma chave analítica para compreender como essas arquiteturas reorganizam a experiência temporal.

A disponibilidade permanente dos arquivos pode reduzir formas de distância tradicionalmente associadas à rememoração, mas seus efeitos não são universais ou homogêneos. O conceito não pretende descrever uma condição invariável da experiência contemporânea, mas interpretar transformações identificadas na literatura entre memória, nostalgia, temporalidade e mediação algorítmica.

Arquiteturas Algorítmicas e a Produção Técnica da Memória

O segundo eixo identificado na análise temática refere-se aos dispositivos técnicos pelos quais memória, nostalgia e descoberta musical são operacionalizadas nas plataformas de streaming. A literatura revisada permitiu identificar três mecanismos recorrentes – *Time Capsule*, *Wrapped* e *Discover Weekly* – que exemplificam diferentes formas de mediação algorítmica da experiência temporal. A Figura 2 sintetiza essas relações e organiza, de maneira interpretativa, os principais dispositivos discutidos ao longo desta seção.

Figura 2 - Arquiteturas Algorítmicas e a Produção Técnica da Memória: Dispositivos de operacionalização do tempo no streaming musical



Fonte: os autores, baseado em Spotify (2017, 2024, 2025), Anderson et al. (2020), Apple (2025).

A Figura 2 sintetiza relações identificadas na literatura e nos documentos analisados, constituindo uma representação interpretativa da arquitetura temporal do *streaming musical*. A *playlist Time Capsule* ilustra como conhecimentos da psicologia da música sobre memória autobiográfica são incorporados aos sistemas de recomendação. Sem afirmar que a plataforma transforma diretamente a memória em algoritmo, a literatura sugere que padrões recorrentes de evocação musical passam a orientar critérios computacionais de personalização. Assim, a chamada "janela de nostalgia", antes descrita como fenômeno psicológico, também integra estratégias de recomendação digital.

O *Wrapped* amplia essa lógica ao produzir retrospectivas anuais a partir dos dados de escuta registrados pela plataforma. O recurso apresenta uma narrativa estatística construída segundo critérios definidos computacionalmente, incluindo limites temporais para coleta dos dados. Não se trata, portanto, de reprodução integral da experiência musical, mas de uma representação selecionada do histórico de uso.

Recursos como *Listening Age* e *Listening Archive* aprofundam esse processo ao oferecer interpretações automatizadas do histórico de escuta. Segundo a literatura revisada, essas funcionalidades reorganizam a memória musical por meio de indicadores quantitativos e classificações computacionais. Em vez de substituir a recordação, acrescentam uma camada analítica baseada em dados, criando novas formas de representar a trajetória musical e reforçando o papel das métricas na mediação temporal.

A playlist *Discover Weekly* constitui o principal mecanismo de recomendação voltado à descoberta musical. Seu funcionamento combina *collaborative filtering*, *content-based filtering* e *natural language processing* para identificar similaridades entre usuários, características musicais e informações textuais. Anderson *et al.* (2020) observaram que sistemas dessa natureza tendem a favorecer recomendações compatíveis com históricos prévios, podendo reduzir a diversidade efetiva em comparação com formas menos mediadas de descoberta. A novidade, assim, permanece vinculada a padrões probabilísticos derivados do comportamento anterior.

A literatura também indica o uso de métricas como *replay rate* e *skip rate* no aperfeiçoamento da personalização. Conteúdos associados a maior permanência tendem a receber maior destaque, incentivando mecanismos que conciliam novidade e familiaridade para reduzir o risco de abandono. A descoberta não é eliminada, mas passa a ser organizada por estratégias de retenção compatíveis com os objetivos econômicos das plataformas.

A estratégia da *Apple Music*, baseada no *algo-torial engine*, combina curadoria editorial e recomendação algorítmica orientadas por narrativas culturais (Apple, 2025). O modelo demonstra que plataformas podem articular, em diferentes proporções, mediação humana e automatização. A curadoria, contudo, permanece inserida em sistemas de personalização orientados pelo engajamento, coexistindo com a lógica algorítmica.

Em conjunto, *Time Capsule*, *Wrapped* e *Discover Weekly* desempenham funções distintas e complementares na organização algorítmica da experiência musical: o primeiro reativa repertórios autobiográficos; o segundo sintetiza retrospectivamente o histórico em narrativas estatísticas; e o terceiro projeta recomendações futuras a partir de padrões probabilísticos do comportamento anterior.

A literatura sugere que esses dispositivos não apenas ampliam o acesso ao repertório, mas também reorganizam relações entre memória, presente e expectativa. Essa interpretação dialoga com o conceito de presentismo de Hartog (2015), sem pressupor que as plataformas inaugurem um novo regime de historicidade. O argumento é que determinadas características do presentismo podem ser operacionalizadas por arquiteturas orientadas à personalização e ao engajamento.

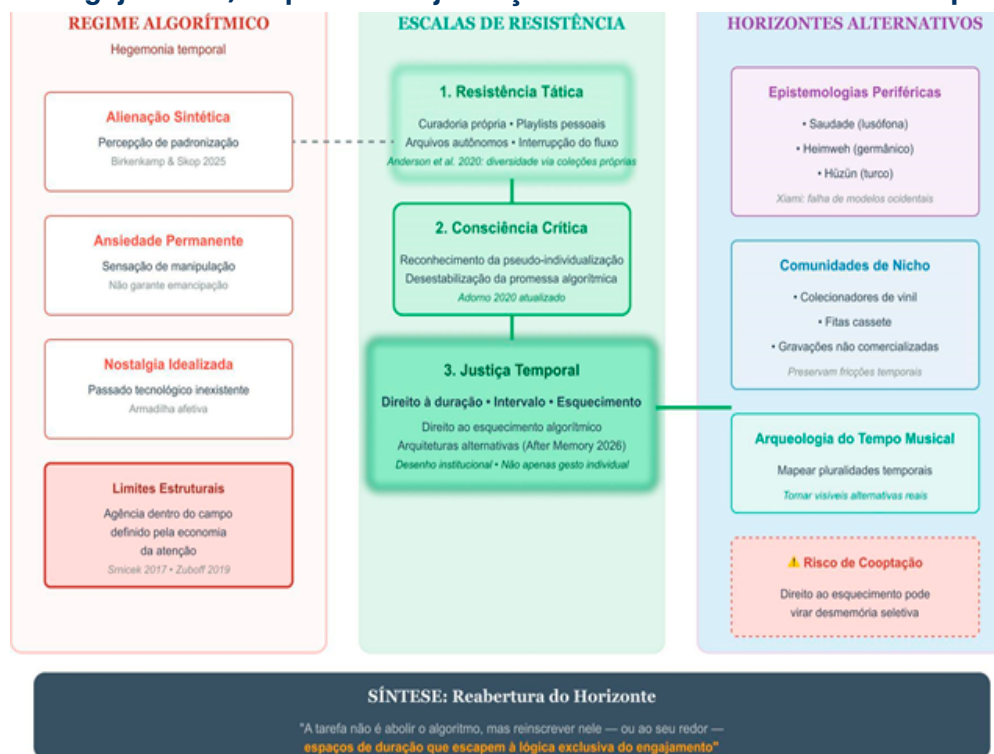
A principal contribuição do estudo, portanto, não é afirmar uma ruptura histórica absoluta, mas interpretar como infraestruturas digitais participam da organização

contemporânea da experiência temporal. A “nostalgia do presente” é proposta como categoria analítica para descrever esse processo à luz da literatura revisada, preservando a distinção entre interpretação teórica e demonstração empírica

Engajamento, Arquivo e Subjetivação: A Economia Política do Tempo Musical

O terceiro eixo identificado na análise temática refere-se às relações entre recomendação algorítmica, economia da atenção e produção da experiência temporal. A literatura revisada indica que a promessa de “descoberta musical” ocupa posição central nas estratégias de recomendação das plataformas de *streaming*. Entretanto, estudos como o de Anderson *et al.* (2020) mostram que essas recomendações tendem a ocorrer dentro de padrões probabilísticos derivados dos históricos de escuta dos usuários. Assim, a Figura 3 sintetiza como métricas de engajamento, mecanismos de recomendação e práticas de arquivamento articulam-se na organização contemporânea da experiência musical.

Figura 3- Engajamento, Arquivo e Subjetivação: A Economia Política do Tempo Musical



Fonte: os autores, baseado em Anderson *et al.* (2020), Birkenkamp e Skop (2025), Siltainsuu; Peltola (2024), Hartog (2015), Ricoeur (2000), Bergson (1907/2013), Spotify (2017), Srnicek (2017), Zuboff (2019).

A Figura 3 organiza, de forma interpretativa, as principais conexões identificadas na literatura entre sistemas de recomendação, métricas de engajamento e experiência temporal. Os estudos revisados indicam que históricos de escuta influenciam as recomendações futuras, fazendo com que parte da exploração musical ocorra dentro de limites probabilísticos derivados de comportamentos anteriores. Essa dinâmica não

elimina a descoberta nem produz efeitos uniformes, mas tende a organizar a experiência musical segundo padrões de continuidade compatíveis com os modelos de personalização.

Essa lógica pode ser compreendida à luz da economia política das plataformas. Birkenkamp e Skop (2025) argumentam que ambientes digitais reorganizam conteúdos complexos em formatos compatíveis com modelos de atenção contínua. No *streaming*, isso se expressa na valorização de indicadores como tempo de reprodução, *replay rate* e *skip rate*, utilizados no aperfeiçoamento das recomendações. Tais métricas ocupam posição estratégica na circulação musical, sem reduzir, contudo, a experiência temporal dos usuários a indicadores quantitativos.

Em diálogo com Hartog (2015), os resultados sugerem que características do presentismo assumem novas formas em ambientes orientados pela economia da atenção. Métricas de retenção e de engajamento favorecem a continuidade do consumo e a recorrência de repertórios familiares. Nesse contexto, a “nostalgia do presente” é proposta como categoria interpretativa para compreender a incorporação da familiaridade musical às estratégias de recomendação, sem pressupor efeitos uniformes ou inevitáveis.

A dimensão geracional também aparece na literatura. Siltainsuu e Peltola (2024), em estudo longitudinal com aproximadamente 40 mil usuários do [Last.fm](https://last.fm) ao longo de quinze anos, identificaram diferenças significativas no uso da música entre faixas etárias: adolescentes tendem à exploração identitária, enquanto adultos recorrem mais frequentemente à música como recurso de memória e conexão emocional. Essas regularidades podem ser incorporadas às recomendações como parâmetros de personalização, sem determinar integralmente a experiência temporal.

A playlist *Time Capsule* exemplifica essa operacionalização. Ao oferecer retrospectivas personalizadas, o recurso mobiliza referências autobiográficas independentemente da idade do usuário e amplia a presença da nostalgia na experiência musical digital. Mais que determinar a subjetividade, mecanismos desse tipo podem favorecer a familiarização antecipada com repertórios posteriormente apresentados como parte da memória individual.

Bar-Gil (2025) caracteriza o *perpetual present* como elemento das infraestruturas digitais, nas quais eventos são continuamente registrados, arquivados e reprocessados. No *streaming*, *Wrapped* e *Time Capsule* reutilizam históricos de escuta para produzir recomendações e narrativas retrospectivas. Essa preservação contínua pode modificar condições tradicionalmente associadas ao esquecimento e à reconstrução da memória, sem eliminá-los.

Em diálogo com Ricoeur (2000), a disponibilidade permanente dos arquivos digitais tensiona condições hermenêuticas da memória. Se a rememoração pressupõe reconstrução interpretativa, o acesso contínuo ao passado mediado por plataformas reduz parte da distância temporal tradicionalmente associada à interpretação. O argumento não é que a memória desapareça, mas que determinadas práticas de recordação passam a ser mediadas por dispositivos computacionais.

Em conjunto, os estudos indicam que as arquiteturas algorítmicas do *streaming* estão inseridas no capitalismo de plataforma, no qual dados comportamentais e

métricas de engajamento assumem papel central. Memória, nostalgia e descoberta são progressivamente incorporadas às estratégias de personalização. A “nostalgia do presente”, portanto, é empregada como categoria analítica para interpretar como essas infraestruturas reorganizam as relações entre memória, temporalidade e recomendação algorítmica, preservando a distinção entre hipótese teórica e evidência empírica.

Os usuários, entretanto, conservam agência: podem criar playlists, ignorar recomendações ou migrar entre plataformas. Essa agência opera, contudo, em um campo estrutural definido pela economia da atenção e pela acumulação de dados. A questão não é a impossibilidade de resistência, mas a configuração sistêmica que favorece continuidade e previsibilidade, enquanto a infraestrutura temporal organiza incentivos que desvalorizam ruptura e premiam repetição.

As contradições convergem para uma estrutura de dominação temporal:

- a promessa de descoberta legitima circuitos de repetição controlada;
- o engajamento substitui a duração vivida por permanência mensurável;
- a personalização geracional antecipa subjetividades;
- o arquivo contínuo reduz a distância necessária à memória crítica.

Essa dinâmica expressa a internalização da temporalidade na lógica do capitalismo de *plataforma*: o tempo musical torna-se recurso extraível, a *nostalgia* converte-se em tecnologia de retenção e o presente expandido funciona como mecanismo de estabilização afetiva.

A “nostalgia do presente” não é compreendida como patologia individual ou fragilidade cultural, mas como forma de subjetividade potencialmente produzida por estruturas digitais. Ela oferece familiaridade e simula a experiência da perda sem exigir ausência, reduzindo a distância que permite ao passado operar criticamente. Nesse regime, o futuro tende a aparecer como antecipação estatística, e não como abertura histórica.

A análise, articulando teoria crítica das plataformas, fenomenologia da duração e hermenêutica da memória, busca desnaturalizar essa configuração. Se o tempo pode ser organizado como infraestrutura de *engajamento*, também pode ser reconfigurado como espaço de intervalo, fricção e alteridade. A questão, portanto, não é afirmar uma captura definitiva da temporalidade pelo algoritmo, mas compreender como restituir a distância como condição de possibilidade da experiência humana.

Resistência e Justiça Temporal: Reabrindo o Horizonte da Duração

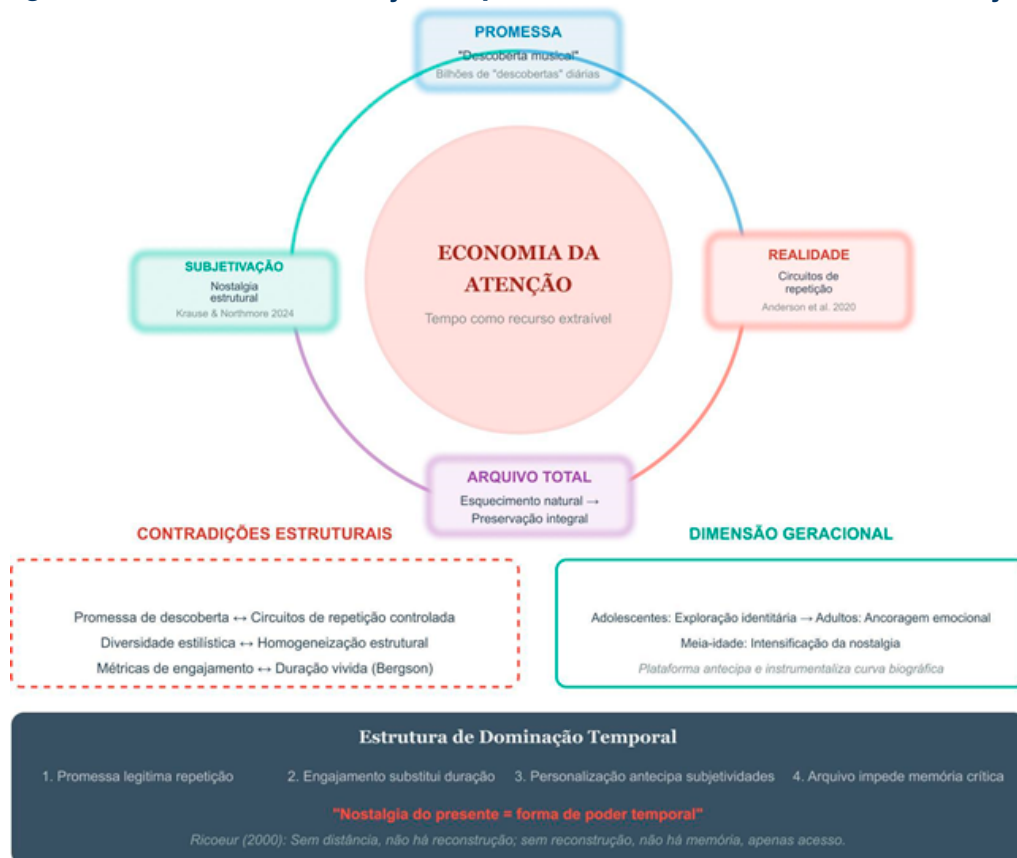
A noção de justiça temporal é empregada neste artigo como categoria exploratória para refletir sobre a distribuição das condições de *memória*, esquecimento, duração e descoberta em ambientes digitais. Trata-se menos de um conceito consolidado do que

de um horizonte normativo derivado das tensões identificadas ao longo da análise. A resistência à temporalidade algorítmica não se confunde com rejeição da tecnologia nem com idealização de uma autenticidade pré-digital. O problema não reside na mediação técnica em si, mas na forma específica como ela organiza o tempo sob a lógica da otimização e do *engajamento*. Se o *streaming musical* estabiliza um regime de presentificação contínua, a questão torna-se: onde emergem fraturas nessa arquitetura?

Um indício relevante aparece paradoxalmente no próprio estudo de Anderson *et al.* (2020). Embora concebido para aprimorar sistemas de recomendação, o trabalho revela que usuários que ampliaram significativamente a diversidade de sua escuta o fizeram principalmente por meio do acesso às próprias coleções – não através de recomendações automatizadas. Essa constatação aponta para uma resistência silenciosa: a curadoria própria, a construção de playlists pessoais e a manutenção de arquivos musicais autônomos preservam uma forma de agência temporal que escapa parcialmente à lógica preditiva.

Essa prática não depende necessariamente de consciência crítica articulada. Trata-se de gesto pragmático: recorrer ao que foi guardado, selecionar manualmente, interromper o fluxo sugerido. Ao reafirmar a durabilidade do gosto próprio contra a continuidade automatizada, o usuário reinscreve uma forma de distância na experiência. Contudo, essa resistência tática não pode ser romantizada. Ela pressupõe tempo, repertório acumulado e condições materiais que nem todos possuem. O acesso a um “arquivo próprio” pode funcionar como privilégio, reproduzindo desigualdades sob a aparência de autonomia (figura 4).

A consciência crítica emerge de maneira mais explícita no fenômeno que Birkenkamp e Skop (2025) denominam “alienação sintética”. Usuários frequentes desenvolvem percepção refinada das dinâmicas de visibilidade algorítmica, reconhecendo que a personalização é, muitas vezes, padronização sofisticada. Essa percepção desestabiliza a promessa de individualização plena. A intuição de que se está sendo conduzido pode produzir rejeição da “pseudo-individualização” já diagnosticada por Adorno (2020) na indústria cultural – agora atualizada em escala algorítmica. A Figura 4 sintetiza os principais eixos de resistência e as dimensões normativas associadas à noção de justiça temporal discutidas neste trabalho.

Figura 4 - Resistência e Justiça Temporal: Reabrindo o Horizonte da Duração

Fonte: os autores, baseado em Anderson et al. (2020), Birkenkamp e Skop (2025), Adorno (2020), Srnicek (2017), Zuboff (2019).

A proposta da figura 4 deve ser compreendida como horizonte analítico e normativo derivado da discussão teórica, não como modelo já validado empiricamente. Entretanto, a alienação não garante emancipação. Ela pode cristalizar-se em ansiedade permanente – sensação de manipulação constante – ou converter-se em nostalgia idealizada de um passado tecnológico inexistente. A superação exige deslocamento da esfera puramente individual para a arquitetônica e institucional. A questão não é apenas “como usar melhor a plataforma”, mas “como reformular as condições estruturais da experiência temporal”.

A partir das tensões identificadas na literatura revisada, propõe-se a noção de justiça temporal como um horizonte analítico e normativo de caráter exploratório. Em vez de constituir uma teoria consolidada, o conceito é empregado para discutir quais condições poderiam favorecer formas mais plurais de memória, esquecimento, descoberta e duração em ambientes digitais. Nesse contexto, mecanismos como o direito ao esquecimento algorítmico representam uma possibilidade de ampliar o controle dos usuários sobre seus históricos de interação, reintroduzindo margens de autonomia na organização temporal promovida pelas plataformas.

Iniciativas recentes voltadas ao estudo de regimes alternativos de memória digital reforçam a pertinência desse debate ao sugerirem que arquiteturas digitais podem ser concebidas segundo princípios distintos daqueles orientados exclusivamente

pela maximização do engajamento. À luz da literatura analisada, mecanismos de recomendação que valorizem diversidade histórica, transparência e pluralidade de repertórios constituem possibilidades relevantes para futuras investigações e para o desenvolvimento de políticas públicas voltadas à mediação cultural em plataformas digitais.

A discussão sobre justiça temporal também apresenta desafios importantes. Qualquer proposta voltada à ampliação do direito ao esquecimento ou à reorganização dos sistemas de recomendação precisa considerar tensões entre memória, responsabilidade histórica, transparência e preservação de registros culturais. Assim, políticas de governança algorítmica não podem ser reduzidas à eliminação de dados, mas devem buscar formas equilibradas de compatibilizar autonomia dos usuários, diversidade cultural e interesse público.

Outro aspecto evidenciado pela literatura refere-se à diversidade cultural das experiências temporais. Diferentes tradições sociais e culturais organizam memória, nostalgia e pertencimento segundo gramáticas distintas, indicando que modelos universais de recomendação tendem a invisibilizar formas alternativas de experiência do tempo. Essa constatação reforça a necessidade de pesquisas comparativas capazes de incorporar perspectivas não ocidentais aos estudos sobre plataformas digitais.

Nesse sentido, a proposta de justiça temporal não pretende oferecer um modelo normativo acabado. Ela funciona como uma agenda de pesquisa destinada a ampliar o debate sobre governança algorítmica, memória e diversidade temporal. Mais do que rejeitar tecnologias de recomendação, trata-se de investigar como diferentes arquiteturas podem favorecer experiências musicais mais plurais, transparentes e abertas à diversidade histórica.

Conclusão

Os resultados desta revisão indicam que as arquiteturas algorítmicas do streaming musical constituem um contexto privilegiado para investigar transformações contemporâneas da experiência temporal. Funcionalidades como *Time Capsule*, *Wrapped* e *Discover Weekly* articulam memória, nostalgia e descoberta por meio de sistemas de recomendação baseados em dados comportamentais. Em diálogo com Hartog (2015), Ricoeur (2000), Bergson (1907/2013) e os estudos sobre capitalismo de plataforma, o artigo propõe a categoria analítica “nostalgia do presente”, entendida como hipótese interpretativa derivada do *corpus*, e não como descrição universal da experiência contemporânea. A contribuição central consiste em aproximar os debates sobre historicidade, memória e plataformização, evidenciando o papel das infraestruturas digitais na mediação da experiência temporal.

Entre as limitações, destaca-se a predominância de análise documental e teórica, sem investigação direta com usuários ou experimentação sobre percepção temporal. A dependência de relatórios corporativos e de estudos secundários

também restringe a análise da opacidade dos sistemas proprietários. Além disso, o foco em plataformas ocidentais limita a generalização para outros contextos culturais.

Pesquisas futuras podem investigar experimentalmente a percepção temporal em ambientes algorítmicos, comparar plataformas globais e regionais e realizar estudos etnográficos sobre resistência e curadoria autônoma. A incorporação de epistemologias não ocidentais também pode ampliar a compreensão de diferentes experiências temporais.

No campo das políticas públicas, destacam-se três frentes: (1) transparência algorítmica em sistemas de recomendação cultural; (2) controle dos usuários sobre históricos comportamentais, incluindo mecanismos de esquecimento algorítmico; e (3) incentivo a modelos de curadoria pública e culturalmente plurais, priorizando diversidade histórica e estética em vez do engajamento.

Restituir a distância como condição de memória e crítica não implica abolir a tecnologia, mas reconfigurar suas arquiteturas para que o tempo opere como horizonte de transformação, e não apenas como variável de retenção.

Referências

ADORNO, Theodor W. **Indústria cultural e sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2020

ANDERSON, Ashton et al. Algorithmic effects on the diversity of consumption on Spotify. In: **Proceedings of the Web Conference 2020**. Taipei: ACM, 2020. p. 2155-2165. Disponível em: <https://dl.acm.org/doi/10.1145/3366423.3380281>. Acesso em: 18 fev. 2026.

APPLE. Apple Music: algo-torial engine. Cupertino: Apple Inc., 2025. Disponível em: <https://www.apple.com/apple-music/>. Acesso em: 18 fev. 2026.

BAR-GIL, Oshri. Holocaust remembrance in the digital age: The transformative influence of technology, digital archives, and connective memory. **Memory Studies**, 2025. DOI: <https://doi.org/10.1177/17506980241312341> . Disponível em: <https://app.dimensions.ai/details/publication/pub.1186207563> . Acesso em: 18 fev. 2026. SILTAINSUU, Heini;

BERGSON, Henri. **A evolução criadora**. Tradução de Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013. (Original publicado em 1907).

BIRKENKAMP, Max; SKOP, Yuliya. Synthetic social alienation: how users navigate algorithmic curation on social media. **New Media & Society**, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/journalmedia6030149> Acesso em: 18 fev. 2026.

BOYM, Svetlana. **The future of nostalgia**. New York: Basic Books, 2001.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

PELTOLA, Henna-Riikka. Music as Support for Older Adults' Wellbeing: A Scoping Review.

Music & Science, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1177/20592043241268721> . Disponível em: <https://app.dimensions.ai/details/publication/pub.1174653550> . Acesso em: 18 fev. 2026.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2000.

SPOTIFY. Spotify **Spotify's Refreshed Time Capsule Playlist Gives Listeners a Dose of Nostalgia** **Spotify Newsroom**, 28 set. 2017. Disponível em: <https://newsroom.spotify.com/2020-09-28/spotify-s-refreshed-time-capsule-playlist-gives-listeners-a-dose-of-nostalgia/> Acesso em: 18 fev. 2026.

SPOTIFY. Spotify Wrapped 2024: the biggest trends and moments. Spotify Newsroom, 4 dez. 2024. Disponível em: <https://newsroom.spotify.com/2024-wrapped/> Acesso em: 18 fev. 2026.

SPOTIFY. Spotify Wrapped 2025: the biggest trends and moments. Spotify Newsroom, 3 dez. 2025. Disponível em: <https://newsroom.spotify.com/2025-wrapped/> Acesso em: 18 fev. 2026.

SRNICEK, Nick. **Platform capitalism**. Cambridge: Polity Press, 2017.

ZUBOFF, Shoshana. **The age of surveillance capitalism**. New York: PublicAffairs, 2019.

Recebido em: 18 fev. 2026
Aprovado em: 16 jun. 2026